

Oficina - Interculturalidade na Saúde: uma ferramenta de qualificação da RAS

Proponentes: Veronica Quispe Yujra e Roxana Flores Condori

Email: veronica.yujra@santamarcelina.edu.br

Instituição: Faculdade Santa Marcelina e Rede de Saúde de Migrantes e Refugiados

Autores:

Veronica Quispe Yujra

Jobana Moya Rodrigues

Rocio Bravo Shuña

Roxana Flores Condori

Maria Fernanda Pereira Pascoal

Isaque Augusto Martim

Duração: 90 a 120min.

Número estimado de participantes: No mínimo 20 e no máximo 30 pessoas.

Infraestrutura: Sala que possibilite a construção de uma roda, mídia digital para participação remota de duas mediadoras, 2 microfones, e um cavalete para apoiar o *Quipu*.

Oficina - Interculturalidade na Saúde: uma ferramenta de qualificação da RAS

Objetivo: Criar um espaço de debate, reflexão e trocas de experiências em torno da temática “Interculturalidade e Saúde na RAS da cidade de SP”.

Tema central e contexto

A interculturalidade é entendida como um processo social e relacional no qual diferentes sujeitos e sistemas culturais interagem e negociam sentidos, práticas e valores. Por reconhecer que a ação humana é culturalmente orientada e atravessada por relações de poder, a interculturalidade em saúde torna-se fundamental para transformar a atenção universal em acesso efetivo, oportuno e de qualidade, especialmente em contextos de diversidade étnica, linguística e de mobilidade humana, nos quais barreiras culturais e institucionais impactam o cuidado.

A OMS, a OPAS e o Ministério da Saúde destacam a interculturalidade como estratégia para orientar sistemas e serviços, reduzir discriminações e iatrogenias culturais e fortalecer a equidade, a Atenção Primária à Saúde e a universalidade.

Considerar as diversidades culturais dos territórios é essencial para enfrentar desigualdades estruturais que afetam minorias culturais e comprometem os resultados em saúde.

O IBGE de 2022 identificou mais de 1,5 milhão de imigrantes internacionais no país, com expressiva concentração em São Paulo e presença inédita de línguas indígenas não nacionais, evidenciando a necessidade de reconhecer os territórios como multiculturais e potentes espaços de produção intercultural.

Metodologia:

A proposta reposiciona o cuidado como um ato político e ancestral, fundamentado nos princípios do *ayni* (reciprocidade) e do Bem-Viver (*Suma Kawsay*), buscando resgatar e revalorizar as competências culturais de trabalhadores e profissionais de saúde.

Oficina mediada por mulheres migrantes, com participação de usuários, trabalhadores, gestores, docentes e estudantes da saúde, promovendo reflexão coletiva a partir de experiências interculturais. O debate e reflexão terá como disparadores: 1- Você reconhece os territórios sanitários da cidade de SP como territórios multiculturais? 2- Como a presença de comunidades migrantes, refugiadas e apátridas podem contribuir com o SUS? 3- Qual foi tua última vivência intercultural, na saúde? Como atividade de síntese, será construída um *Quipu* coletivo, instrumento ancestral andino de registro simbólico.